

#cm
2

QUINTA-FEIRA



Augusto Martins e Marcel Powell reverenciam o saudoso mestre Hélio Delmiro

PÁGINA 3



Espectáculo sobre a crise migratória entra na última semana no palco do Ipanema

PÁGINA 7



Bilquis Evelyn, a primeira brasileira a ganhar o Eisner, o Oscar dos quadrinhos

PÁGINA 8

Além do sucesso com o musical sobre a nossa Rainha do Rock, Mel Lisboa volta ao Rio com show que celebra o repertório de Rita Lee

Priscila Prade/Divulgação



Por Affonso Nunes

Quem a vê no palco tende a imaginar que Rita Lee continua entre nós, com toda sua energia, ousadia e frescor. A trajetória de Mel Lisboa interpretando a nossa Rainha do Rock nos palcos brasileiros é marcada por dedicação e um notável aprofundamento artístico. Desde sua primeira incursão no papel, em 2014, a atriz tem se empenhado em capturar a essência da cantora. Agora, Mel se prepara para apresentar o show “Mel Lisboa Canta Rita Lee” em quatro sessões nesta quinta e sexta-feiras (28 e 29) no Blue Note Rio.

Continua na página seguinte

Pode me
chamar de

Rita

CORREIO CULTURAL

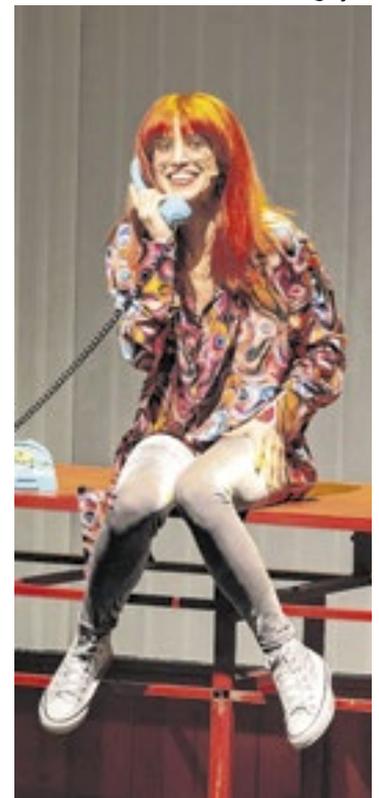
Processo minucioso para dar vida a uma cantora icônica

Guilherme Samora/Divulgação

Divulgação



Rita Lee adorava o musical em sua homenagem e jamais escondeu a admiração pelo trabalho de Mel Lisboa de quem acabou se tornando amiga



Mel Lisboa dá brilho vida e intensidade à sua Rita Lee no musical 'Rita Lee - Uma Autobiografia Musical'



Divulgação

Sérgio Adriano H debate com alunos e educadores

Sérgio Adriano H fala sobre práticas decoloniais no CCBB

Como parte da programação do CCBB Educativo – Lugares de Culturas, o Encontro com Educadores de agosto terá neste sábado (30) a participação do artista visual Sérgio Adriano H, que abordará a exposição CORpo Manifesto e as práticas decoloniais em sua obra. A partir de elementos como fotografias, vídeos, objetos e

performances, o artista discutirá com o público temas como identidade racial, apagamento histórico e construção simbólica da verdade, propondo reflexões sobre memória, ancestralidade e justiça social no contexto da arte. A exposição reúne 113 trabalhos do artista catarinense e segue em cartaz até 15 de setembro.

Encerramento

O longa cearense “Morte e Vida Madalena”, de Guto Parente, será exibido no encerramento da 35ª edição do Cine Ceará – Festival Ibero-americano de Cinema, no dia 26 de setembro. Essa será a estreia do filme em Fortaleza, cidade natal do diretor.

Encerramento II

Protagonizado por Noá Bonoba, a comédia narra a história de Madalena, uma produtora de cinema que enfrenta, simultaneamente, a morte do pai, uma gravidez e a produção de um filme de ficção científica no qual tudo parece dar errado.

Fomento cultural

A Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul anunciou duas iniciativas de valorização do audiovisual do estado: a destinação mínima de R\$ 12 milhões para editais de fomento ao setor e a criação da Escola Técnica Pública de Audiovisual.

De graça

O espetáculo “Riobaldo”, baseado no clássico “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, será apresentado em sessão única e gratuita nesta quinta (28), às 20h, no Teatro Municipal Domingos de Oliveira, na Cávêa. Grátis.

Para dar vida a Rita, Mel conta ter embarcado num processo de estudo minucioso. A atriz dedicou-se a uma pesquisa intensa, analisando entrevistas, performances e materiais disponíveis sobre a cantora. “Nunca havia interpretado uma personagem real. Isso é diferente de quando a personagem é apenas uma ideia no papel”, compartilhou Mel, destacando o desafio de representar uma figura tão presente na memória coletiva.

A preparação incluiu aulas de canto e técnicas vocais para reproduzir a singularidade da voz de Rita. Mel também trabalhou na postura e linguagem corporal, buscando replicar os gestos e expressões que caracterizavam a artista. “Eu sou uma fingidora profissional. Preciso me distanciar da minha própria identidade para dar vida às minhas personagens”, afirma a atriz, ressaltando sua entrega ao papel.

Todo esse esforço da atriz foi reconhecido pela própria Rita Lee, que em vida assistiu a performance

de Mel e expressou sua aprovação. “Mel, você me fez muito melhor do que eu mesma”, chegou a brincar a cantora na estreia do musical “Rita Lee - Uma Autobiografia Musical”, que estreou em 2014 e ganhou novo fôlego após a morte da cantora em maio de 2023.

Além do reconhecimento de Rita, de quem acabou se tornando amiga, Mel Lisboa recebeu o Prêmio Shell de Teatro na categoria de melhor atriz por sua atuação no musical. “Foi o maior sucesso da minha vida sem dúvida alguma”, afirmou a atriz sobre a conquista.

O sucesso do musical gerou um novo espetáculo, desta vez um show: “Mel Lisboa Canta Rita Lee”, que retorna ao palco do Blue Note após o sucesso das apresentações no mesmo local em março deste ano. Nesta apresentação, a atriz resgata os grandes sucessos da cantora e devolve os elogios que recebeu de Rita em vida com uma homenagem apaixonada para aquela que até hoje é sua melhor e mais simbólica personagem.

Gaúcha de Porto Alegre, filha

do cantor e compositor Bebeto Alves (um expoente da cena musical gaúcha) e da astróloga Cláudia Lisboa. Iniciou sua carreira na dramaturgia ainda adolescente, entre tantos trabalhos na televisão, o maior destaque é para a minissérie de Manoel Carlos, “Presença de Anita” (TV Globo, 2001), sua estreia na TV. No cinema, recentemente, a atriz fez parte do elenco de “Maníaco do Parque” e “Atena”, ambos com indicações e premiações do segmento.

SERVIÇO

MEL LISBOA CANTA RITA LEE
Blue Note Rio (Av. Atlântica,
1910 - Copacabana)
28 e 29/8, às 20h e 22h30
A partir de R\$ 90

'Certas Coisas' que nos dão **saudade**

Augusto Martins e Marcelo Powell apresentam álbum que o cantor gravou com o mestre Hélio Delmiro, o último trabalho do lendário guitarrista

Por Affonso Nunes

Existe uma sofisticação em torno de Augusto Martins. Sua voz elegante passeia com propriedade por todo tipo de canção que decide abraçar e não está diferente em "Certas Coisas", álbum do cantor em parceria o lendário guitarrista Hélio Delmiro, morto em junho, dois meses após o lançamento do tra-

balho que ganha vida no palco do Manouche nesta quinta-feira (28), às 20h30, com Augusto e Marcel Powell, numa homenagem póstuma ao mestre que participou de marcos da MPB como os álbuns "Elis & Tom" (1974) e "Samambaia" (1981).

Augusto dividirá os vocais com as seis cordas do violão do filho de Baden Powell. A dupla já possui história consolidada, tendo lançado em 2013 o aplau-



Divulgação

Augusto Martins e Marcelo Powell se unem em reverência ao mestre Hélio Delmiro, morto em junho

dido "Violão, Voz e Zé Kéti", tributo ao compositor carioca pelo selo Kuarup.

Produzido por Moacyr Luz, que considera Delmiro seu pa-

drinho musical, "Certas Coisas" foi gravado em 2023 e chegou às plataformas em maio pela Mills Records. Com 12 faixas, o disco revela a versatilidade que

sempre caracterizou Delmiro. Já debilitado pela doença, o guitarrista teve tempo de abençoar a parceria entre Augusto e Marcel antes de falecer dois meses após o lançamento.

O repertório percorrerá clássicos como "Fotografia" (Tom Jobim), "Como Vai Você" (Antonio Marcos/Mario Marcos), "Bye Bye Brasil" (Chico Buarque), composições de Lulu Santos e Nelson Motta como "Certas Coisas" e "De Repente", além da francesa "Jardin d'Hiver" e "Acanhado" (Hélio Delmiro/Moacyr Luz).

SERVIÇO

AUGUSTO MARTINS E MARCEL POWELL - CERTAS COISAS

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo) 28/8, às 20h30

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia solidária com doação de 1kg de alimento não perecível ou livro)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Formação renovada

O Fino Coletivo celebra duas décadas de carreira em show no Teatro Rival Petrobras nesta quinta (28). A banda, que ganhou prêmio APCA em 2007, apresenta formação renovada com fundadores Alvinho Cabral, Dani Medeiros e Skofa 7 Flechas, além de Negadeza e Zé Vito. Participação especial do trombonista Gilmar Ferreira e abertura com DJ Galalau. Repertório inclui sucessos como "Boa hora" e estreia ao vivo da faixa "Meu Carinho, Meu Calor", o novo single do grupo.

Daniel Bonne/Divulgação



Divulgação

Catto intimista

A cantora e compositora Catto apresenta nesta quinta (28), às 19h, no Espaço BNDES, o show "Voz e Violão", que celebra 15 anos de carreira. Natural de Lajeado (RS), a artista promete um encontro intimista com o público, revisitando sucessos que marcaram sua trajetória e mostrando canções de seu mais recente trabalho autoral, "Caminhos Selvagens". No repertório, estarão presentes músicas que ganharam destaque na televisão, como "Saga" e "Adoração", além de faixas do aclamado "Belezas são Coisas Acesas por Dentro", disco em que Catto interpreta e homenageia Gal Costa.



Divulgação

Música no Museu

O programa Música no Museu retorna ao Museu da Justiça (Rua D. Manuel, 29 - Centro) nesta quinta-feira (28), às 12h30, com recital de voz e piano com o duo formado pelo barítono Luiz Bomfim e pela instrumentista Regina Lacerda. O repertório incluirá árias de óperas e clássicos da música de concerto. "O Música no Museu tem garantido visibilidade aos músicos clássicos brasileiros no país e no exterior. Já atingiu um público superior a 1,2 milhão de pessoas, em seus 28 anos de atividades", destaca o empresário Sérgio da Costa e Silva, idealizador do projeto. Grátis.

O valor de Pi de um diretor autor

Darren Aronofsky renova sua grife autoral com o enervante thriller 'Ladrões'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Logo que o trailer de "Ladrões" ("Caught Stealing") começou a circular, em maio, a primeira aposta da indústria é que o filme fosse concorrer no Festival de Veneza ou, no mínimo, entrar em suas mostras paralelas, uma vez que o evento tem sido o pouco seguro do diretor Darren Aronofsky há duas décadas. Até Leão de Ouro deram a ele, em 2008, por "The Wrestler", com Mickey Rourke (aqui chamado de "O Lutador"). Ele foi jurado por lá em 2011, quando o russo Aleksandr Sokurov venceu com "Fausto", e concorreu outras vezes, com "Cisne Negro", "Mãe!" e "A Baleia".

Especulou-se ainda sobre San Sebastián, que realiza sua maratona este ano de 19 a 27 de setembro. Ele produziu o único filme brasileiro que foi laureado por lá com a Concha de Ouro: "Pacificado" (2019), de Paxton Winters, ambientado no Morro dos Prazeres. Apesar disso, o novo (e mesmerizante) trabalho do cineasta nova-iorquino optou por ir diretamente para circuito,



Escalção de Austin Butler em Ladrões foi escolha certa de Darren Aronofsky em 'Ladrões'

confiando em seu taco comercial e no apelo do ator Austin Butler ("Elvis").

Conta a saga de um craque de beisebol, Hank, que parou de jogar depois de uma tragédia e tenta se livrar do chamado do álcool. Beber é sua ruína. Só que uma ruína ainda mais funda e perigosa o aguarda depois que um vizinho punk, Russ (Matt Smith), abre as portas da encrenca para ele, ao abandoná-lo com uma chave que pode ser o passaporte para uma fortuna, das mais ilegais. Ele tem uma namorada apaixonada (Zoe Kravitz), que é profissional de saúde e vai dar um trato em seus machucados depois que dois bandidos eslavos quebram sua cara. Tem uma policial de índole indomável em seu encaço (papel de Regina King) e dois mafiosos judeus ortodoxos, interpretados por Vincent D'Onofrio e Liev Schreiber nas raias do humor.

"Minhas histórias falam de pessoas solitárias em volta de uma sina", disse Darren ao Correio, ao lançar "Pacificado", na Espanha.

Recentemente, num Zoom com o Correio da Manhã, quando "Ladrões" estava nascendo, ele definiu seu estilo: "Eu sou um realizador de filmes de baixo orçamento nos Estados Unidos. Um realizador que escolheu falar sobre os demônios internos das suas personagens, fascinado por figuras que me capturam por sua profundidade. Por meio da engenharia sonora do meu cinema, eu me conecto com a plateia a partir do aspeto mais sensorial da imagem".

É difícil pensar num thriller de grife com tanta ação quanto "Ladrões" quando se analisa o repertório das vozes autorais reveladas nos EUA da década de 1990 para cá. Tudo bem que Steven Soderbergh nos trouxe seu melhor filme, em muito tempo, no primeiro semestre: o longa de espionagem "Código Preto". Mas ele começou antes, lá em

1989, ao ganhar a Palma de Ouro com "sexo, mentiras e videotape". Aronofsky faz algo mais furioso... e é mais moço. Vem de uma linhagem que apresentou Quentin Tarantino, Wes Anderson, Sofia Coppola e Paul Thomas Anderson às telonas. Todos são crias do audiovisual noventista e tiveram eventos como Cannes e como Sundance entre seus aliados. Aronofsky explodiu em 1998, com "Pi". Confirmou a potência que é com "Réquiem Por Um Sonho", drama barra pesada sobre dependência química (e não só) que lhe valeu um espaço nobre nas telas de Cannes, em 2000. Os 25 anos do longa, um dos cults da carreira do cineasta foram celebrados, em junho, no Festival de Tribeca.

"Eu reluto para rever os meus filmes antigos", disse Darren ao Correio. "Revi 'Requiem...' faz pouco tempo, quando sua cópia em Blu-Ray saiu, e me lembrei da sensação que tive em cada cena que filmei. Gostei de voltar a elas".

Em meio à celebração de "Réquiem Por Um Sonho", o realizador, sempre marcado pela influência do Velho Testamento (vide seu "A Árvore da Vida", de 2006), finalizou "Ladrões" para atrair a massa pagante neste fim de agosto. Ele tem blockbusters em sua estrada. Orçado em US\$ 15 milhões, "Cisne Negro" - saga de uma bailarina que enlouquece em seu excesso de perfeccionismo - faturou US\$ 323 milhões e rendeu o Oscar a Natalie Portman. Depois ele rodou o bíblico "Noé" (2014), com Russell Crowe, que custou alto (US\$ 125 milhões), mas arrecadou bonito (US\$ 359 milhões).

"Ladrões" desde já é um estandarte de sua vitalidade e pode angariar indicações ao Oscar para o diretor, para Regina e para sua montagem nevrálgica. A fotografia marota é de Matthew Libatique. Ó... tem sequências pós-créditos, algumas feitas em animação. Vale esperar e aplaudir.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Chamado apenas de Presidente e encarado como um indivíduo cindido entre o Ontem e o Amanhã, o personagem de Marco Antonio “Toni” Servillo em “La Grazia” - que inaugurou o Festival de Veneza nesta quarta-feira (27) - carrega um conflito em comum com todas as figuras oferecidas ao ator napolitano pelo diretor Paolo Sorrentino: o desterro. Assim como o escritor misantropo Jep Gambardella, que levou “A Grande Beleza” ao Oscar, há 12 anos, o líder político encarnado pelo maior astro da Itália na atualidade sofre com a falta de pertencimento.

Seu país sucateou seus sonhos, assim como a Europa escanteou sua nação. Mesmo o cinema italiano, um dia encarado como o rival número 1 de Hollywood em matéria de invenção e de autoralidade (ali entre 1945 e o início dos anos 1980), foi para o banco de reservas do audiovisual. Mesmo filmografias de pátrias mais pobres que a sua – como a Romênia e a Hungria – hoje têm mais e melhor prestígio em maratonas de filmes. No entanto, sempre que Servillo e Sorrentino se juntam, a chance de encantamento – e de prêmios – é grande.

“O cinema que fazemos expõe as crises cultural do Ocidente, num momento repleto de medo e de perplexidade que acomete o Velho Mundo ao contabilizarmos as nossas perdas e perceber que viramos um museu a céu aberto”, disse o astro, ao Correio da Manhã, em passagens de seus filmes pelo Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, onde haverá sessão de “La Grazia”, entre 19 e 27 de setembro.

Em Veneza, o longa, que fala



Toni Servillo em ‘La Grazia’, de Paolo Sorrentino: O sucesso da dupla em outros trabalhos inaugurou uma nova fase para a Itália no cinema, conhecida como Renascimento

Divo da grande beleza de atuar

Toni Servillo reforça seu papel de mais importante ator da Itália na atualidade ao firmar nova parceria com Paolo Sorrentino em ‘La Grazia’, que abiu o Festival de Veneza

de uma história de amor, disputa o Leão de Ouro, aos olhos de um júri que tem Fernanda Torres de jurada. Em terra espanhola, Sorrentino briga pelo prêmio Perlak, dado por um júri popular. Estima-se que a Academia de Hollywood possa tê-lo entre seus concorrentes. O apelo de Toni é forte, amparado na consagração que colheu no teatro, desde sua estreia, na década de 1970.

Nascido na comuna de Afrágola, há 66 anos, ele deu seus primeiros passos na telona em

1992, quando “Morte Di Un Matematico Napoletano” deu a Mario Martone o Grande Prêmio do Júri de Veneza. A popularidade internacional, contudo, só chegou em 2008, via Cannes, com dois longas que saíram premiados da Croisette: a comédia política “Il Divo”, do amigo Sorrentino, e o thriller de máfia “Gomorra”, de Matteo Garrone. O sucesso de ambos inaugurou uma nova fase para a Itália no cinema, conhecida como Renascimento, e que revelou expressões

Divulgação

autorais a quilo.

“A realidade, quando exposta no cinema, seja com poesia, seja com crueza, fere, por expor os nossos desequilíbrios. As feridas que vem do teatro carregam o acolhimento de uma arte milenar da qual eu não arredo pé. É o meu berço e é onde eu me recarrego”, diz Servillo.

Há quatro anos, ele ajudou Sorrentino a conquistar o Grande Prêmio do Júri de Veneza com “A Mão de Deus”, que está na Netflix. Apoiando-se no êxito que viu o cineasta alcançar por lá em 2021, Alberto Barbera, diretor artístico da competição pelos leões venezianos, afirmou no site do evento: “O retorno de Paolo à competição vem com um filme destinado a deixar sua marca por sua grande originalidade e forte relevância para o momento atual”.

Na Prime Video da Amazon é possível conferir dois filmes essenciais da dobradinha Servillo & Sorrentino: “As Consequências do Amor” (2004) e “Silvio e Os Outros” (2019), mais conhecido como “Loro”, que escancara as extravagâncias do estadista Silvio Berlusconi (1936-2023), que foi Primeiro-Ministro da Itália entre 1994 e 1995, 2001 e 2006 e entre 2008 e 2011.

“Toni é, antes de tudo, alguém em que eu posso confiar”, disse Sorrentino em Cannes.

Com 1,81m de altura e calvície assumida, Servillo, casado com a atriz Manuela Lamanna, foi eleito em enquetes recentes na imprensa da Itália o ator mais sexy de seu país, destronando galãs como Elio Germano e Riccardo Scamarcio. É um Mastroianni pós-moderno, que já filmou com outros gigantes como Marco Bellocchio e Lorenzo Mattotti.

“É uma honra trabalhar com criadores que têm voz própria”, disse o ator.

O Festival de Veneza segue até o dia 6 de setembro. Nesta quinta, em competição, rola “Jay Kelly”, com George Clooney e Adam Sandler, e “Bugonia”, de Yorgos Lanthimos e sua parceira habitual, Emma Stone.

Zac Popik/ 20th Century Studios

Diretor Shawn Simmons orientando a atriz Samara Weaving no set de "Motorista de Fuga"



Carros, comédia e coração

Lançado no Disney+, "Motorista de Fuga" fez com que o diretor Shawn Simmons buscasse referências na própria infância para criar um suspense cômico de tirar o fôlego

Por Pedro Sobreiro

Na última semana, o Disney+ trouxe um projeto para seu catálogo bem discretamente. Trata-se de "Motorista de Fuga", uma mistura de suspense e comédia, que é carregado de ação e conta com umas pitadas dramáticas. Estrelado pela sensacional Samara Weaving ("Casamento Sangrento") e pelo consagrado Andy García ("O Poderoso Chefão 3"), o longa é bastante interessante e aposta em uma história original sobre Edie, uma jovem criada em uma família de assaltantes, que foi obrigada a se tornar uma motorista de fuga ainda na infância.

Os anos se passam, ela tenta endireitar a vida, mas

descobre que está grávida do ex-namorado, um trombadinha completamente sem noção. Então, quando decide contar ao rapaz sobre o bebê, ele acaba enfiando a coitada em uma trama de perseguição que a levará de volta ao crime, onde terá de servir uma última vez como piloto de fuga para um crime no cassino.

A convite da Disney, o Correio da Manhã conversou com o diretor e roteirista do filme, Shawn Simmons, que falou mais sobre o segredo para as cenas de ação serem tão bem executadas. "O nosso segredo foi apelar para os efeitos práticos. Todas as nossas cenas foram feitas com ação real. Nosso Coordenador de Dublês é o Paul Jennings, que trabalhou em filmes como 'Batman: O Cavaleiro das Trevas' e 'Jack Reacher'. Inclusive, foi

assistindo 'Jack Reacher' que vi uma cena de perseguição de carros e falei: 'cara, eu preciso muito que as cenas sejam desse jeito'. O segredo para uma boa cena de perseguição é colocar os atores nos carros para dirigirem de verdade. E foi o que fizemos", disse.

Simmons destacou o uso da computação gráfica e como isso pode afetar a experiência do cinema. "No fim, acho que isso passa um realismo muito positivo, o que acaba fazendo com que o público compre outras situações do filme, faz com que eles acreditem que é real. Quer dizer, se nós fizéssemos perseguições de carros com CGI, que parecessem falsas, que parecessem feitas em computador, isso poderia afetar até mesmo a parte dramática da história. Como você embarca emocionalmente em um mundo em que coisas como dirigir são artificiais? Como você compra esses personagens? Foi muito importante para mim poder usar efeitos práticos aqui", continuou Shawn.

Outro ponto importante do filme é a quantidade de gêneros que ele engloba, passando da comédia para a ação, e da ação para o suspense num estalar de dedos. E isso foi uma grande preocupação da direção. "Essa mudança de tons foi algo que mexeu bastante comigo, porque o filme é uma montanha-russa emocional. E eu comecei escrevendo a comédia, porque é um jeito excelente de inserir personagens de forma ágil, por meio do humor. É quase como um truque de mágica. Inclusive, eu sempre falo para o pessoal contratar roteiristas de comédia para escreverem dramas, porque eles trabalham muito em cima de personagens. Então, assim, em um mundo em que a gente vai da ação ao drama, passando pela comédia, o importante é conseguir manter o respeito pelo lado emocional dos personagens e da trama. Se você mantiver os pés no chão dentro dos dramas da personagem, o público vai comprar a ideia", explicou o diretor. "Esse filme é basicamente gente doida fazendo coisas malucas. E eu cresci em uma família pobre, que passava o tempo inteiro gritando. Era um caos [risos]. Então, assim, era muito engraçado, mas se você olhasse para fora e visse as outras famílias tradicionais, talvez a gente parecesse meio triste, sabe? Isso me inspira até hoje", completou.

O realizador comentou sobre trabalhar com Samara Weaving, que vem se destacando em filmes de terror e ação nos últimos anos. "A Samara é uma atriz completa. Assisti seu trabalho em 'Casamento Sangrento' e fiquei encantado. Ela é uma heroína que sabe trabalhar o humor. É incrível. E ela chegou para trabalhar conosco muito pronta. Ela é uma daquelas atrizes que você pode chamar para gravar agora, que ela vem, faz seu trabalho e vai embora. E é algo tão incrível que a equipe comenta por dias sobre as cenas. E ela contribuiu muito para construir a Edie, sabia? Ela trouxe muitas peças para a gente construir esse quebra-cabeças maluco ao fim do filme. Foi uma parceria fantástica!", comentou.

Simmons foi todo elogios à química desenvolvida em cena entre Samara e Andy García. "Foi espetacular! Eles se entenderam muito bem em cena. E há uma sequência só entre eles ao fim do filme, que é meu momento favorito do longa. Acho que aquilo ali é a síntese, a alma de 'Motorista de Fuga'", concluiu.

Nil Caniné/Divulgação

O espetáculo “Migrantes” encerra temporada neste domingo (31) no Teatro Ipanema Rubens Corrêa. Dirigida por Rodrigo França e baseada no texto do dramaturgo franco-romeno Matéi Visniec, a montagem combina narrativa fragmentada e ambientação sensorial para transformar o espectador em testemunha da travessia, revelando a hipocrisia de um mundo que prega liberdade enquanto ergue muros.

Entre o trágico e o absurdo, a peça questiona fronteiras, pertencimento e humanidade, fazendo de cada cena um convite à reflexão e à empatia, expondo de maneira crua a realidade dos deslocamentos humanos forçados, mergulhando o público na experiência daqueles que atravessam desertos e oceanos em busca de sobrevivência.

Paulo Guidelly, um dos destaques do elenco, interpreta Elihu, um imigrante eritreu que representa milhões de pessoas em situação similar ao redor do mundo. “Elihu é um africano nascido na Eritreia, país no nordeste da África. Ele é mais um de muitos cidadãos que vivem em países com extrema pobreza e condições de guerra”, explica o ator sobre seu personagem, que sonha em chegar à Inglaterra para trabalhar e sustentar a família.

O drama do personagem atinge seu ápice quando, para alcançar seu objetivo, Elihu é influenciado a vender seus próprios órgãos. “Ele justifica que Deus fez dois órgãos para dar uma reserva”, revela Guidelly, destacando como a peça expõe os extremos a que pessoas desesperadas são levadas na busca por uma vida melhor.

Para o ator, interpretar esse papel foi uma experiência transformadora, extrapolando os limites da atuação. “A peça vai muito além da atuação: ela exige entrega emocional, pesquisa e empatia para dar voz a histórias que, muitas vezes,

Pelas fronteiras humanas

Paulo Guidelly interpreta um imigrante africano que vende órgãos para sobreviver em espetáculo que expõe a crise migratória global

Paulo Guidelly (de pé) em cena de ‘Migrantes’, espetáculo com direção de Rodrigo França



permanecem silenciadas”, reflete Guidelly. “Cada cena é um mergulho em realidades que preferimos não encarar”, argumenta.

Fazem ainda parte do elenco os atores Alex Nader, Aline Borges, Ana Lia, Anderson Cunha, Júlia Félix, Luanda Maia, Mery Delmond, Monique Vaillé, Rayane Proença, Sarito Rodrigues, Stella Maria Rodrigues, Sulamita Lage e Tom Nader.

O espetáculo confronta o público com dilemas morais através de situações que expõem o cinismo das autoridades, a impessoalidade da burocracia e o tráfico humano que explora o desespero. Entre o trágico e o absurdo, “Migrantes” lança um olhar satírico sobre a hipocrisia de um mundo que prega liberdade enquanto ergue muros cada vez mais altos.

“Contar histórias como as de ‘Migrantes’ é essencial porque nos lembra que, por trás de cada número, de cada estatística sobre refugiados, existem vidas reais: rostos, nomes, famílias, sonhos interrompidos”, enfatiza o ator. Para ele, o teatro se torna um espaço fundamental de empatia e reflexão em tempos marcados pela intolerância.

Além da boa acolhida com essa montagem, Guidelly prepara novos projetos para o audiovisual. Integra o elenco da segunda temporada de “Rabo de Peixe”, série portuguesa da Netflix que chega à plataforma em outubro, onde interpreta um dos braços direitos dos vilões vividos por Paola Oliveira e Caio Blat. Também está gravando o longa “Mate Todos os Lobos”, que protagoniza, com estreia prevista para 2026.

SERVIÇO

MIGRANTES

Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)

Até 31/8, quinta a sábado (20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 60

Divulgação



Divulgação



Por Lucas Monteiro (Folhapress)

“É tão surreal que até agora não caiu a ficha.” É assim

que Bilquis Evely descreve a sensação de ter ganhado o Eisner Award, considerado o Oscar dos quadrinhos, no último dia 25 de julho. Premiada como melhor desenhista e melhor artista de capa pela série “Helen de Wyndhorn”, publicada pela Suma aqui no Brasil, a obra também venceu na categoria melhor série limitada.

“Helen de Wyndhorn” tem a mesma equipe criativa por trás de “Supergirl: Mulher do Amanhã”, que, além de Evely como desenhista, tem Tom King no roteiro e Mat Lopes nas cores.

Tom King é um dos nomes mais proeminentes dos quadrinhos americanos. Comandou minisséries de destaque, como “Visão: Pouco Pior que um Homem” e “Visão: Eu Também Serei Salvo Pelo Amor”, na Marvel Comics, “Senhor Milagre” e “Supergirl”, na DC Comics, junto com Evely e Lopes.

A artista conta que o convite para integrar o time veio do próprio King, que queria continuar trabalhando com ela. “A gente deu muito certo desde o começo. Ele perguntou o que eu queria fazer e na época achei que seria um bom momento para começar

Reprodução Instagram



Bilquis Evely assina trabalhos como ‘Helen de Wyndhorn’ e ‘Supergirl’

‘Até agora não caiu a ficha’

Saiba quem é Bilquis Evely, primeira brasileira a ganhar o Oscar dos quadrinhos

a desenvolver um projeto autoral que seria o meu primeiro”, diz.

Lançada nos Estados Unidos pela Dark Horse em março do ano passado, a história teve seus direitos adquiridos pela Compa-

nhia das Letras por meio do selo Suma. Descrita como uma mistura entre “Conan, o Bárbaro” e “O Mágico de Oz”, “Helen de Wyndhorn” é levemente inspirada na vida de Robert E. Howard,

criador do cimeriano.

Helen Cole é uma jovem desajustada e alcoólatra desde que o pai, um renomado escritor do gênero espada e feitiçaria, cometeu suicídio. Após ser solta

da prisão por Lilith Appleton - tutora contratada pelo avô da garota e narradora da história - começa sua jornada entre o gótico, o fantástico e a busca por pertencimento.

Evely começou a carreira como desenhista em “Luluzinha Teen e Sua Turma”. Afirma que sempre gostou do universo de fantasia como “As Crônicas de Nárnia”, nos livros, e “The Legend of Zelda”, nos videogames, mas o barbarismo não era seu forte. “Li muito durante a produção de ‘Helen’, tentei conectar as minhas referências mais oníricas com as que o Tom tinha”, diz.

A quadrinista migrou para o mercado americano logo após a experiência em “Luluzinha”. Ela colabora desde 2015 com a DC Comics, em HQs do universo de “Sandman”, “Mulher-Maravilha”, “Sugar & Spike”, até chegar ao trabalho mais consagrado até então, “Supergirl: Mulher do Amanhã”, que terá uma adaptação cinematográfica dirigida por James Gunn, atual CEO dos DC Studios.

Acostumada com o ritmo mais ágil das histórias de super-heróis, Evely conta que a obra autoral de King foi seu maior desafio até então. “Até tentei conciliar com outros trabalhos menores, mas esse foi um projeto muito denso, muito complexo e eu tive que entender que, ok, essa é uma história que vai levar mais tempo mesmo”, diz.